



Por uma infância sólida de histórias

Celso Gutfreind*, Porto Alegre

Este artigo reúne temas como a psicanálise, a narratividade e a intervenção comunitária. Para isto, relata a experiência de um psicanalista escritor que se vale desta dupla identidade para participar de uma intervenção comunitária, que utiliza a literatura como mediadora no encontro com crianças de ensino fundamental de uma escola carente da Grande Porto Alegre. A experiência procura enfatizar a importância da transferência em situações também coletivas, assim como a necessidade de resgatar a contação de histórias e o conto como mediador cultural importante e capaz de fomentar os processos de simbolização e elaboração na infância. Ao longo de todo o artigo, está presente o aspecto atual de infâncias que, por um lado, necessitam de espaços narrativos para poder desenvolver-se e, por outro, uma sociedade ocidental industrial que tem, entre as suas representações culturais, o esvaziamento de tais espaços. Experiências, como a relatada no trabalho, mostram que este limite pode ser combatido e, neste combate, a psicanálise e o trabalho comunitário podem andar juntos.

Descritores: Psicanálise infantil. Narratividade. Literatura. Psicanálise e comunidade.

* Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.



*Minha pátria é minha infância. Por isso
vivo no exílio.
(Cacaso)*

1. Introdução

Instigado a pensar sobre o tema da infância hoje, deparei-me logo com as relações efêmeras (líquidas) contemporâneas (Bauman, 2007) e os efeitos disso nas crianças que criamos. Ou tratamos.

Também fiquei pensando no abismo entre uma psicanálise adulta e infantil que já é praticada há mais de século e seu alcance limitado, ainda hoje, em nossa realidade social aparentemente pacificada, mas marcada por flagelos, pobreza, carência econômico-afetiva e cuja vítima principal, como nas guerras, é a criança.

Comecei, portanto, realistamente paranóide; felizmente, elaborações depois, tentei chegar a uma posição depressiva (Klein, 1946) ao dar-me conta de que, como psicanalistas, os tratamentos que propomos, apesar dos seus limites, são ainda os instrumentos mais sólidos deste mercado para lidar com a liquidez contemporânea. E, como escritor, fora das páginas, colaboro humildemente com a socialização da psicanálise.

Decidi, então, contar esta possibilidade de história, na esperança de que seja expressiva de uma infância contemporânea em um país como o nosso. E, sobretudo, uma boa história, dessas que nossos antepassados nos contavam, sem saber que promoviam resiliência (Cyrulnik, 1999).

2. As histórias

– Se a Liana pedisse pra tu te matar, tu te matavas?

A frase foi esta, desferida como um golpe surpreendente. Aquela criança, mesmo pequena, já sabia golpear com as palavras. Meio caminho para a aprendizagem – e a saúde mental – já tinha sido trilhado.

Bem, agora vamos ao contexto. Não é um conto, nem uma piada. Veio da vida este diálogo e caiu direto neste artigo, que é também sobre os benefícios das histórias na vida mental e escolar de uma criança, em tempos de histórias tão fragmentadas, seja pela realidade (dura, traumática), seja por uma cultura que prioriza a imagem, o lucro e o corte em detrimento da continuidade (a história).



Estávamos no meio de um projeto sagrado, o *Adote um escritor*. Promovido pela Câmara Rio-Grandense do Livro, em Porto Alegre e cidades do interior do RS, lança uma proposta que parece literária.

Não é. Ou é mais que literária, é viva. Trata-se da promoção de saúde mental infantil no seu sentido mais elevado. Durante meses, a escola, com toda a sua equipe, mobiliza-se para trabalhar os livros de um escritor. Fomenta a leitura, estimula a criatividade, cria peças de teatro, filmes, papos, sonhos, expectativas, esperança de um encontro estruturante. São escolas da rede municipal ou estadual, todas públicas, a maioria de periferia, vivendo verdadeiros flagelos econômico-afetivo-sociais.

Mas não de vida imaginária.

E não há flagelos no Projeto. A realidade é outra. Trata-se de investir no sonho, no imaginário, na estética (Meltzer; Williams, 1994), na possibilidade, enfim, de outra realidade, nem que por dentro, primeiro passo para mudar lá fora. Não é assim a história da psicanálise nos indivíduos?

Meses depois, o escritor vai à escola conversar com as crianças. Elas dão-se conta de que aquele criador é de carne e osso e sentimentos. É como elas, que criam estilingues, carros de lomba, *skates*, brincam de bola, caçador, pique-esconde. E tentam ordenar caos, criar formas de lidar com a frustração, ou de viver, apesar da morte. Só muda o brinquedo: ele brinca com as palavras, com xis se escreve xícara, com xis se escreve xixi... (Quintana, 1984), mas é tudo lúdico, busca de novos espaços por dentro e por fora (Winnicott, 1971a), não faça xixi na xícara, o que vão dizer de ti? Não é assim a psicanálise contemporânea e seu brincar com palavras para crianças e adultos?

No encontro, não se perde o sagrado, mas se reparte. Agora, todos podem criar e são legitimados neste ato humano mentalmente saudável, dentro ou fora da arte.

Eu estava conversando com as crianças daquela escola, talvez a mais pobre entre elas. Na periferia da periferia, cercada por doze gangues de traficantes, todas respeitosas para com a instituição, sentindo nela a saúde a ser preservada em uma comunidade doente como a sociedade de que faz parte. Antes, havia perguntado à professora:

- Por que não atacam a escola?
- Talvez porque a gente faça desfiles de animais – respondeu, com cara de salvadora da pátria.
- E desfile de animais da palavra – acrescentei, tentando engajar-me em sua utopia, com um desejo talvez de juntar instinto e civilização, mas sem a pretensão de rugir, morder ou precisar salvar, embora já sentindo um grão de



salvação pela literatura. De certa forma, eu mordida, como co-mordemos com os pacientes, nos tratamentos mais bem-sucedidos.

Na sala de aula, sob apupos de entusiasmo, como quase sempre, algum menino perguntara por que eu escrevia.

Como quase sempre, eu respondia contando uma história. Porque as crianças (e, talvez, os adultos) prestam mais atenção às histórias do que às prescrições. Porque vivo de contá-las – e escutá-las – e porque, àquela altura do ano, as professoras já haviam contado o suficiente para que aquelas crianças se dispusessem a ouvir. E a contar. E a perguntar.

A criança que ouve e conta consegue chegar ao auge saudável de perguntar. Mentalmente, está salva, segundo o psicanalista René Diatkine (1994), um *expert* das relações entre contos e psicanálise infantil. Aquele menino, de ex-olhar triste, já estava no auge do Diatkine. Portanto, perguntou:

– Se a Liana pedisse pra tu te matar, tu te matavas?

A história que eu contava era *Liana Livro* (Gutfreind, 2006). Ela conta o drama, relativamente autobiográfico, de um menino apaixonado por uma menina, a quem convida para dançar numa reunião-dançante dos anos setenta. Até aí é bonito, o feio surge quando ela não aceita. Porque ele não é bonito, em uma fase da vida em que a estética da aparência vale mais que a da subjetividade e da poesia. Este é o nó da história e também a alma da resposta.

Ela não aceita, porque este meu alter-ego é baixo, com dentes tortos, nada sarado, péssimo jogador de futebol. E de vôlei e handebol. A petulante (ou realista) Liana acabou dançando com o Alberto, goleiro titular do time, um sujeito atraente, alto, musculoso; meu alter-ego era o reserva, porque era ruim o suficiente para ser goleiro – os melhores jogavam na linha – e não ser o titular.

No final, entre chorar e morrer, ele preferiu um novo espaço: reescrever a história, reinventando a realidade. Pegou papel, caneta e começou a refazer o mundo. Não é meio assim a psicanálise?

E este é o trecho que responde por que escrevo. Ele também expressa, psicanaliticamente, o que é saúde mental, a meu ver. Não se trata da ausência de sintomas, mas da possibilidade de viver a vida reinventando-a (Winnicott, 1971a).

No entanto, a parte que mais encantou o menino foi o começo da trama, quando a paixão do jovem era descrita de forma radicalmente passional, assinalando que era inteira, o que incluía todas as partes do objeto amado: cabelos, cheiro de cabelos (xampu, condicionador) e até mesmo o aparelho nos dentes que a Liana usava, com direito a sardinha grudada nas fendas e fedendo. Para o protagonista – e para o menino da escola –, era perfumado, e o que é a capacidade de elaborar senão transformar um cheiro ruim em outro melhor? Não é também,



de certa forma, o que faz a psicanálise com crianças e adultos?

- Vamos dançar? – ele perguntava para ela.
- Não – ela respondia.
- Por quê?
- Vai te enxergar.

Então eu contava que ele ia se enxergar, porque estava tão completamente apaixonado que atendia a todas as ordens da menina amada. E, ao enxergar-se, via-se baixo, com dentes tortos, nada sarado nem jogando bem futebol. Nem vôlei nem handebol.

Na história que reescrevia com caneta esferográfica, em uma folha dupla de papel almaço, ele era alto, dentes brancos, perfeitos. Era craque. Era titular. Jogava na linha. Goleador. E quando perguntava pra Liana “Vamos dançar?”, ela respondia sem titubear:

- Claro que sim, meu bonitão.

Em geral, este trecho era acompanhado de risos. E foi. Mas desta feita, entre eles, foi desferido o golpe da tal pergunta pelo menino de olhar muito sério e concentrado naquele detalhe da paixão incondicional, descrito no começo do conto:

- Se a Liana pedisse pra tu te matar, tu te matavas?

A questão podia ser banal. E, sobretudo, bastar por si mesma. Era de estourar foguetes – os traficantes do local os estouravam para avisar que a polícia tinha chegado – a fim de comemorar a capacidade mental de um menino capaz de perguntar. Um paciente que começa a fazê-lo já pode ter encerrado a sua análise? – pergunto agora.

Ali, intervindo mental e socialmente, com a psicanálise nas vendas, tudo o que queremos é contar histórias para que as crianças aprendam a contar e a ouvir, o que significa poder perguntar (Diatkine, 1994), o que significa poder subjetivar-se, o que significa, ainda que pontualmente, tal qual uma consulta terapêutica, tratar-se (Winnicott, 1971b).

Mas, sem falsa modéstia, a curiosidade ali era de patamar ainda mais alto que o do Diatkine.

Não surpreendia: estávamos diante da literatura, esta psicanálise sorrateira e mais aberta, que começa em casa – como o Pequeno Hans e, de resto, tudo, segundo Winnicott e as observações clínicas de todos nós – quando uma mãe e um bebê descobrem o prazer de cantar e contar e, de certa forma, estão salvas, porque agora já podem salvar-se, contando e cantando.

A realidade é que era de patamar mais baixo. Aquele menino era criado pela avó, porque o pai (traficante) estava preso e a mãe havia se matado, contou-



me, mais tarde, a professora que falara do desfile de animais.

Dito assim de supetão, pode chocar, não é este o objetivo da psicanálise. Nem da literatura, pelo contrário, elas vivem de compreender modestamente e, assim, envelopar fatos chocantes, ou traumáticos, o que, convenhamos, é enorme.

Até porque aquela escola – e tantas outras – estava borrifada de histórias como esta. E partia em busca de novas narrativas, mais distantes de uma realidade em que a figura paterna é rarefeita e a materna, frágil, deprimida, como a tendência daquela população e de tantas outras; aquela escola partia em busca de realidades de patamar mais elevado.

Neste caso, o que resta são os substitutos, avós, madrinhas, vizinhas. Muitos daqueles dramas eram amenizados, de fato, pela comunidade, assim como uma relação transferencial analítica também pode, com mais dificuldades e talvez menos recursos, mitigar dores originais. Como as mitiga a imaginação, co-costruída a dois, na transferência, para nós humanos que, felizmente, com algum alento de começo, estamos sempre predispostos a prosseguir transferindo ao longo de toda a vida e mesmo no final.

O que propúnhamos, ali, era um mediador, a literatura no caso. A metáfora, o símbolo, pois sabemos que, sem eles, é difícil acompanhar certos trechos de uma vida (Mills; Crowley, 1986), conforme podemos observar, igualmente, no relato da experiência de Michèle Petit:

Contudo, se não é intrusiva, uma terceira pessoa pode propor uma situação de intersubjetividade benéfica em torno de objetos culturais, capaz de criar uma margem de manobra. Relatos, poemas, mitos, lendas transmitidos por um mediador, transmitidos pela sua voz protetora, abrem por vezes um espaço de devaneio, de fantasia, quando este falta (Petit, 2009, p. 86).

Aquele menino era realmente criado pela avó. Mas tinha o seu passado e era dele que falava na pergunta. Era dele que precisava falar. É dele que precisamos falar a cada história que ouvimos no presente. Ou lemos ou contamos (Bettelheim, 1976). Ou trazemos para as nossas análises.

Ora, um contador de histórias é como um analista, não é bom de responder, e eu nada respondi.

Um contador (um analista) é bom de espichar, rebater a pergunta, gerar outra (uma história), instigar curiosidade sobre si e sobre o outro, e o fui fazendo até descobrir, nas entrelinhas, a realidade daquela imaginação.

A certa altura, lembro que falei:



– Acho que eu não me matava, porque tudo tem um limite, até mesmo no amor.

Lembro que esta resposta não iluminou o olhar triste do menino. Não era a que precisava. Foi minha primeira distorção pessoal, contratransferencialmente falando, meu primeiro equívoco analítico.

Mas uma história (uma análise) bem trabalhada (daí também os benefícios de ser longa) se abre e concede chances para um novo sentido, transferencialmente falando e, quando eu disse “Puxa, se é por amor, tem seu charme”, o olhar tornou-se mais alegre, agora sim espelhado pelo meu (Golse; Roussillon, 2010).

Lembrei-me de um poema de Joan Brossa, que diz assim: “Tem nariz,/ boca, braços/e pernas./Escolha uma parte./Os olhos.” (Brossa, 2005, p. 51).

Agora sim. Tratar é também tratar-se, e tratar-se é também rever (reolhar), reavaliar o que se sente a partir da relação com o outro. Talvez também refazer-se nesta relação com este outro, um primeiro eixo examina o primeiro olhar, um segundo eixo o reconstrói, se houve alguma troca lá no começo.

Saí daquela escola como costume sair das que me adotam – este é o termo carregado de significados que usamos, corriqueiramente, no projeto –, ou seja, triste, alegre, cansado, revigorado, contente, esperançoso. Não necessariamente menos sintomático: mais vivo, depois de um encontro verdadeiro, como se sai de uma análise, seja como analista, seja como paciente.

E saí também com uma hipótese, ou seja, uma nova possibilidade de narrar: aquele menino havia refeito a narrativa dele com seus pais. Agora, o pai traficante era o amado da mãe suicida, que havia se matado por ele.

Novelesco?

Novelesca também é a vida.

E tratar-se é poder mudar o rumo de uma narrativa (uma vida), encontrar novas e verossímeis possibilidades para ela. É reescrever a novela, melhorá-la. É tudo linguagem, expressou um autor, antecipando-se, como sempre, aos *insights* dos psicanalistas (Rosa, 1967).

Agora, depois de um conto, aquele menino era filho de pais que se amavam. Estava iludido, mas este é um dos grandes efeitos positivos de uma história, que também nos alimenta para que, um dia, possamos nos desiludir, bastam novos bons encontros. Aceitar a vida e, sobretudo, a morte. Tratar-se, enfim.

Sinto que não há saúde mental sem ilusão e desilusão, e estas não existem sem histórias. É o que promovem as mães naturalmente (Winnicott, 1971).

Uma hipótese é apenas um sentido, sempre possível na leitura de qualquer narrativa.

Bem verdade que não estávamos diante de uma qualquer. Era a minha



Celso Gutfreind

história, banhando a de um menino e apontando para uma terceira, a nossa (Golse *apud* Konicheckis, 2008). Não poderia ser este o resumo de uma análise, com uma criança ou com um adulto?

Penso que das funções psicanalíticas (jamais premeditadas) de um conto, esta é a maior.

Penso que das funções narrativas (jamais premeditadas) de uma análise, esta é a maior.

Há outras como promover a interação dos olhares (como vimos), banho de voz, estrutura para o ego (Lafforgue, 1995). Aliás, é este o primeiro grande desafio de uma vida.

Ou servir como um objeto transicional que construa a separação entre a mãe e esta criança com ego já construído (Winnicott, 1971a). Aliás, é este o segundo grande desafio de uma vida.

Mas estimular a criação de uma nova história para si é soberano.

3. Conclusão

A aprendizagem, do ponto de vista psicanalítico, é a possibilidade de uma nova história. Trata-se do ingresso no mundo simbólico; aprender é poder representar conscientemente. E simbolizar. Toda criança que lê e escreve está no mundo transicional de Winnicott, na terceira história, que não era a sua, nem a de sua mãe: “Pompas do mármore, negra anatomia/que ultrajam os lagartos sepulcrais,/da vitória da morte os glaciais/símbolos congregou. Não os temia.” (Borges, 2009, p. 139).

Talvez seja este um dos pontos em comum entre o nosso trabalho pontual, na crise, e a psicanálise, em longo prazo: tal qual a metáfora de Borges, co-construir, com o outro, possibilidades de não temer o símbolo. E adentrá-lo para enfrentar o pânico que se esconde por detrás do que ainda não está simbolizado.

Aprender significa também que um ego estruturou-se a partir de um segundo ego, do qual se separou. Então podem vir a língua, o conhecimento, a aprendizagem.

Dificuldades de aprender, se protegidas das etiquetas da moda e de um contexto científico interesseiro e limitado, apontam histórias carregadas de insuficiência afetiva, mas tentando contar, à sua maneira, para compensar as faltas (Bettelheim; Zelan, 1991).

O conto é, per si, a outra história. O símbolo, a metáfora, o porto seguro e nada ingênuo onde podemos projetar os fantasmas que nos impedem de aprender,



ou seja, não sair de si ou da díade, com a mãe. Não enlouquecer, enfim. Criar, inventar. Neste sentido, é uma droga, mas do bem, porque isenta de efeitos colaterais ou de interesses escusos de um determinado grupo: a contalina¹.

A aprendizagem é o terceiro, o sumo da saúde mental. O ingresso na criação, na invenção.

Para Melanie Klein (1930), não há aprendizagem se a curiosidade sexual está sufocada. Se ampliarmos, freudianamente, o conceito de sexualidade, podemos aventar que, para aprender, é preciso conhecer a própria história. Para tratar-se, se é que isto é diferente, também.

Atendi, em consultório, a uma menina que só pôde aprender depois que conheceu a sua verdadeira (bela, terrível) história de adoção. Melhorou, ouvindo a própria realidade de forma mediada pela ficção de brincar.

Atendi, em co-terapia, em uma instituição, a um menino que era filho de uma relação incestuosa da mãe com o avô materno. Melhorou depois de ouvir um conto sobre um palhaço apaixonado por uma domadora de leões. Melhorou depois de, a partir deste conto, imaginar outra história em que também podia ser um palhaço capaz de tentar transformar em alegria as tristezas da sua origem (Gutfreind, 2010).

E o menino da escola, que entrara ali, simplesmente, para ouvir uma história, também brincou e divertiu-se com ela. Depois saiu com outra, amparado por uma nova família em que a vida (sobrevida) e a morte (da mãe) ganhavam outro sentido. Agora o menino tinha uma esperança e uma mãe que podia ter morrido por amor.

Para quem acredita em próteses feitas pelo encontro e pela imaginação, ou em psicanálise para rever e recriar realidades, como os escritores, os leitores, os analistas e os pacientes, estávamos diante de uma tragédia aberta, paradoxal. E de final feliz.

É preciso estar razoavelmente feliz para aprender. □

Abstract

For a childhood consistent in stories

This paper brings together subjects such as psychoanalysis, narrativity and community intervention. It describes the experience of a psychoanalyst-writer who, with this double identity, participates in a community intervention that uses

¹ Expressão verbal não publicada do psicanalista uruguaio Víctor Guerra para se referir às pesquisas que coordeno, utilizando o conto como mediador na psicoterapia da criança (Gutfreind, 2010).



Celso Gutfreind

literature as mediator in meeting with children from primary grades of a school of low socio economic status in the outskirts of Porto Alegre. The experience intends to emphasize the importance of transference in collective situations also, as well as the need of salvaging story-telling and tales as important cultural mediators, capable of fostering the processes of symbolization and working-through in childhood. The current aspect of childhood that needs narrative spaces to develop themselves and, on the other hand, a western industrial society that has, among its cultural representations, the emptying of such spaces, permeate the whole paper. Experiences such as the one reported here demonstrate that this limits can be fought and in this fight, psychoanalysis and community work can walk together.

Keywords: Child psychoanalysis. Narrativity. Literature. Psychoanalysis and community.

Resumen

Por una infancia sólida de cuentos

Este artículo reúne temas como el psicoanálisis, la narratividad y la intervención comunitaria. Para esto, relata la experiencia de un psicoanalista escritor que se vale de esta doble identidad para participar de una intervención comunitaria, que utiliza la literatura como mediadora en el encuentro con niños de enseñanza elemental en una escuela carente de la Gran Porto Alegre. La experiencia trata de subrayar la importancia de la transferencia en situaciones también colectivas, así como la necesidad de rescatar la actividad de contar cuentos y el cuento como mediador cultural importante y capaz de fomentar los procesos de simbolización y elaboración en la infancia. A lo largo de todo el artículo, está presente el aspecto actual de infancias que, por un lado, necesitan espacios narrativos para poder desarrollarse y, por otro, una sociedad occidental industrial que tiene, entre sus representaciones culturales, el vaciamiento de dichos espacios. Experiencias como la relatada en el trabajo, muestran que este límite puede combatirse y que en este combate, el psicoanálisis y el trabajo comunitario pueden andar juntos.

Palabras llave: Psicoanálisis infantil. Narratividad. Literatura. Psicoanálisis y comunidad.



Referências

- BAUMAN, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BETTELHEIM, B. (1976). *Psychoanalyse des contes de fées*. Paris: Robert Laffont.
- BETTELHEIM, B.; ZELAN, K. (1991). *Psicanálise da alfabetização: um estudo psicanalítico do ato de ler e aprender*. Porto Alegre: Artmed.
- BORGES, J. L. (2009). *O outro, o mesmo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BROSSA, J. (2005). *Poesia vista*. São Paulo: Ateliê.
- CYRULNIK, B. (1999). *Un merveilleux malheur*. Paris: Odile Jacob.
- DIATKINE, R. (1994). *L'enfant dans l'adulte ou l'éternelle capacité de rêverie*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- GOLSE, B.; ROUSSILLON, R. (2010). *La naissance de l'objet*. Paris: PUF.
- GUTFREIND, C. (2006). *Grilos*. Porto Alegre: Artes e ofícios.
- _____. (2010). *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- KLEIN, M. (1930). L'importance de la formation du symbole dans le développement du moi. In: (1921-1945). *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1967.
- _____. (1946). *Le transfert et autres écrits*. Paris: PUF, 1975.
- KONICHECKIS, A. (2008). *De génération en génération: la subjectivation et les liens precoces*. Paris: PUF.
- LAFFORGUE, P. (1995). *Petit poucet deviendra grand: le travail du conte*. Bordeaux: Mollat.
- MELTZER, D.; WILLIAMS, M. H. (1994). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- MILLS J. C.; CROWLEY, R. J. (1986). *Métaphores thérapeutiques pour enfants, hommes et perspectives*. Marseille-Cantini. Paris: Desclée de Brouwer, 1995.
- MORICONI, Í. (2010). *Destino poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- PETIT, M. (2009). *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: 34.
- ROSA, G. (1967). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- QUINTANA, M. (1984). *O batalhão das letras*. Rio de Janeiro: Globo.
- WINNICOTT, D. W. (1971a). *Jeu et réalité: l'espace potentiel*. Paris: Gallimard, 1975.
- _____. (1971b). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 12/01/2011

Aceito em 02/03/2011

Celso Gutfreind

Av. Plínio Brasil Milano, 812 – Higienópolis

90520-003 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: celso.gut@terra.com.br